

GAZELA DA IBÉRIA

Pedro Eiras*

*Suspensa nas três patas, porque se perdeu
uma das quatro, eis que repousa brônzea
no pedestal discreto do museu.*

Repousam os olhos de quem vê na coisa vista,
por desejo de tanto interrogar morte, espaço, a eternidade
das formas. Por exemplo, este poeta imóvel
perante a estátua antiga de uma gazela, numa sala de museu.
Sobre três patas, a quarta perdida, ela sustém-se desde uma data
esquecida, conjectural, inverosímil como
um abismo aberto sob os pés
de quem vê, interroga, sonda as formas vindas de uma mão há muito desfeita:
morreu a gazela, se alguma vez existiu, morreu
a mão que a moldou no bronze,
e o poeta sabe que morrerá, havemos todos de morrer uma morte
nunca natural,
uma inconcebível morte íntima, diferente de todas as outras,
uma morte inteiramente
pessoal.
Este poeta imóvel vê, pergunta a si próprio como se terá perdido
aquela quarta pata da gazela,
e quando, na espera dos séculos, um acidente terá quebrado
o frágil bronze.
Pois há sempre um acidente em existir, em bronze ou carne, pois
nunca se é completo; e bem pode uma estátua guardar a sua forma,
uma gazela salvar as suas patas, um herói conservar arco, flechas e escudo,
bem pode um deus distante ter ainda todos os braços, e um monstro suas serpentes,
que nem assim serão todos, completos, inteiros,
sempre uma parte faltará, pois
existir no tempo
é ser incompleto, é nunca coincidir consigo mesmo, nunca estar inteiramente
no tempo todo, nunca
repousar inteiramente em si mesmo.
Ele vê a gazela no seu próprio tempo, dele, a distante gazela

de outro tempo, outra vez, nesta sala de museu, nesta data,
e tudo é frágil como a carne e o bronze: pouco importa
se a estátua quebrou ou permaneceu intacta, porque
nada,
nem sequer o corpo ou a vida de um poeta imóvel, vendo, nem
aquilo que existe no tempo, e tudo existe no tempo,
nada está completo
nunca.

O poeta pensa,
perante a estátua partida,
que esta gazela nunca mais poderá saltar, como saltava
a gazela primeira, se existiu
alguma vez, alguém do bronze.
Pensa que esta gazela amputada
está presa na sua forma para sempre,
imóvel e repousante, condenada a ser assim
fixa em si mesma.
Pensa, imóvel, enquanto a luz do sol coado pelos vidros das janelas
vai
imperceptivelmente deslizando pelo chão do museu, aos seus pés.
Contudo, pensa, talvez haja na gazela outro salto,
mais subtil, mas não menos elegante,
um salto imóvel
no tempo.
Talvez nesta estátua de bronze que recorda uma gazela há muito perdida,
talvez neste bronze noutra data moldado por uma mão há muito desaparecida,
e cujo nome ignoramos hoje e ignoraremos sempre, talvez nesse tempo morto
e nestes corpos e matérias, e em mim próprio, pensa o poeta,
em mim imóvel vendo esta estátua,
nesta data neste museu sob este sol coado pelas janelas, talvez
em isto tudo que nos rodeia, e em nós próprios,
incompletos mesmo se nenhum dos nossos ossos se partiu, talvez
em tudo isto haja ainda assim
um salto imóvel no tempo;
por isso a gazela salta na estátua, e a estátua salta na sala do museu, sem
sair do seu lugar, do seu pedestal simples,
sem romper as paredes e os vidros das janelas,
ela, a estátua que repousa, e eu, imóvel em frente a ela,
e tudo o mais dentro do museu e fora do museu,
as formas fixas nas telas e nas pedras, e as pessoas andando nas ruas,

lendo, amando, chorando e rindo alto com fúria de estarem vivas, elas saltam
um salto imóvel no
tempo,
para o qual não são precisas todas as patas de uma gazela, nem
a cabeça e todos os membros de uma deusa-mãe,
nem o nome de um jovem retratado, nem as outras formas de ser um todo,
talvez a gazela salte salvando
as suas quatro patas nunca perdidas,
está saltando agora, imóvel, à minha frente,
este corpo partido, em frente ao meu corpo incompleto,
também nos corpos incompletos há um salto imóvel no tempo,
em verdade só os corpos incompletos
podem saltar no tempo;
e esta voz vinda do bronze, falando comigo desde não sei que data esquecida,
estas palavras murmuradas da matéria muito antes de eu existir,
vou dizê-las num poema, num livro, que existirá
quando eu já não existir, um livro, um poema
que será outro salto no tempo, imóvel,
onde eu, como a gazela,
repousarei.

* Professor de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e autor de obras de ensaio, ficção e teatro (entre outras: Constelações, Os Ícones de Andrei, Bach, Cartas Reencontradas de Fernando Pessoa, Um Forte Cheiro a Maçã ou Um Punhado de Terra).